

O infamiliar na contemporaneidade: o que faz família hoje?





ISBN 978 65 86488 06 7

COLEÇÃO
PSICANÁLISE DA
CRIANÇA

O infamiliar na contemporaneidade: o que faz família hoje?



MARIA RITA KEHL
JULIETA JERUSALINSKY
ANA SUY SESARINO KUSS
MICHELE KAMERS
VALÉRIA CODATO
MARTA DALLA TORRE
LUIZ MENA (organizador)
MARCUS ANDRÉ VIEIRA
MARCELO VERAS
IORDAN GURGEL
FILIPE PEREIRINHA
NELSON CRISTINI JR.
PAUL KARDOUS
ALBA FLESLER
MIRIAM DEBIEUX ROSA
VIVIANI CARMO-HUERTA
JEAN-JACQUES TYSZLER
NAZIR HAMAD

ágalma **30** anos

© dos autores 2021

© *Ágalma* para a língua portuguesa, 2021

1ª edição: setembro, 2021

Editor

Marcus do Rio Teixeira

Diretora da Coleção

Angela Baptista

Projeto gráfico da capa e primeiras páginas

Homem de Melo & Troia Design

Revisão

Solange Mendes da Fonseca

Tradução

Paulo Victor Bezerra (artigos Jean-Jacques Tyzsler e Nazir Hamad) e Solange Mendes da Fonseca (artigo de Alba Fesler)

Editoração eletrônica

Jotabele Informática

Depósito legal

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todos os direitos reservados

ágalma

Av. Anita Garibaldi, 1815

Centro Médico Empresarial, Bloco B, sala 401

40170-130 Salvador-Bahia, Brasil

Tels: (71) 3245-7883 (71) 3332-8776

✉ agalma@agalma.com.br 🌐 www.agalma.com.br

📷 [agalmabebescriancas](https://www.instagram.com/agalmabebescriancas)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

011

O infamiliar na contemporaneidade: o que faz família hoje?./organizador:
Luiz Mena. - Salvador: Ágalma, 2021.

270 p. : 14x21cm.

Vários autores.

ISBN 978- 65-86488-06-7. (Broch.).

1. Psicanálise. 2. Desenvolvimento infantil. 3. Família. I. Mena, Luiz.

CDD-150.195

CDU-159.964.2

Ficha Catalográfica elaborada por Roseli dos Santos Andrade Araújo CRB/5 1125.

Sumário

Prefácio, 7 – *Luiz Mena*

PARTE I – A contemporaneidade é feminina?

1. Em defesa da família tentacular, 15 – *Maria Rita Kehl*
2. Quem é o Outro do sujeito na primeiríssima infância? A sustentação das operações estruturantes e as transformações nos modos do cuidar, 36 – *Julieta Jerusalinsky*
3. Tornar-se mãe, o que é isso? Considerações psicanalíticas sobre o tornar-se mãe em tempos de redes sociais, 62 – *Ana Suy Sesarino Kuss*
4. As configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais, 79 – *Michele Kamers*
5. Do pai, da mãe, da família contemporânea e a transmissão do desejo, 99 – *Marta Dalla Torre e Valéria Codato Antonio Silva*

PARTE II – Para além do falo

6. Do Outro ao Um, 121 – *Luiz Mena*
7. De abraços e olhares, 137 – *Marcus André Vieira*
8. Olhar para além do Édipo, 145 – *Marcelo Veras*
9. Segredo de família, 155 – *Iordan Gurgel*
10. Família: uma inesperada persistência, 169 – *Filipe Pereirinha*
11. Familiaridades da psicanálise, 183 – *Nelson Cristini Júnior*
12. A estrutura da família humana para a psicanálise, 199 – *Paul Kardous*

PARTE III – Incidências clínicas

13. O jogo dos pais na cena da análise, 221 – *Alba Flesler*

14. Incidências da transmissão familiar e cultural no processo de subjetivação do adolescente migrante, 229 – *Viviani Carmo-Huerta e Miriam Debieux Rosa*

15. Revolução na família?, 248 – *Jean-Jacques Tyszler*

16. A questão da filiação na família contemporânea, 256 – *Nazir Hamad*

Prefácio

Luiz Mena

É com satisfação que apresento o mais novo volume da Coleção Psicanálise da Criança, da Editora Ágalma, coleção dirigida por Ângela Baptista e Julieta Jerusalinsky, e que tem como tema a família na contemporaneidade.

Esse tema carrega uma tensão de entrada. De um lado, o contemporâneo aponta para frente, para a construção do novo, para a invenção. De outro, temos a família, que aponta para a transmissão de uma tradição já passada, para os valores dos antigos, fazendo com que este tema pareça anacrônico. Por que tratarmos de família em pleno século 21?

Assistimos, nos últimos anos, ao avanço de movimentos ultraconservadores pelo mundo, que defendem pautas tradicionalistas que se utilizam com frequência de um mesmo argumento para justificar sua expansão: a defesa da família, como se ela estivesse sob ataque do progresso, agindo como se ela fosse uma resistência à barbárie que o progresso representa.

O mundo mudou realmente. Nos últimos 30 anos, testemunhamos muitas mudanças culturais, nos hábitos e

costumes, em todas as áreas da sociedade. A juventude usa hoje mais *piercings* e mais tatuagens, os adultos esticam a pele e a adolescência até o limite, e os velhos estão ocupados no *pilates* e no inglês, e saem aos finais de semana para namorar, recusando-se a ficar em casa fazendo tricô, esperando os netos chegarem. Ou seja, a família tem-se modificado também, procurando acompanhar a evolução do mundo.

Contudo, quanto mais a contemporaneidade se expande, mais se constata uma reação contrária, uma resistência conservadora que tenta breçar qualquer mudança, pelo medo de estarmos abandonando os eixos estruturais que impediriam uma capitulação bárbara da civilização.

O Brasil também foi atingido por essa onda conservadora, principalmente nos últimos anos. E a família, também por aqui, tem sido usada como justificativa de defesa. Ela culminou no Projeto de Lei 6.583/2013, de autoria do deputado Anderson Ferreira (PR-PE), que elaborou o controverso “Estatuto da Família”, no qual a definição de família se resume ao “núcleo composto por um casal heterossexual e seus descendentes”. O grande argumento desse Estatuto da Família é que ele refletiria a “família brasileira padrão”, querendo ser o seu porta-voz. Mas, segundo o IBGE¹, a família “casal com filhos” deixou de ser maioria no Brasil, representando 49,9% dos domicílios brasileiros, enquanto outros tipos de famílias somavam, já em 2010, a marca de 50,1%. Ou seja, viraram maioria os casais sem filhos, as pessoas morando sozinhas, três gerações sob o mesmo teto, casais *gays*, mães sozinhas com filhos, pais sozinhos com filhos, netos com avós, irmãos e irmãs, famílias recompostas com os filhos dos antigos casamentos. Por isso, dizer que família é o núcleo formado por pai, mãe e filhos, como quer o Estatuto da

1INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico 2010: Famílias e Domicílios*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/>

Família, não está errado, mas é insuficiente para dar conta da realidade em que vivemos.

A psicanálise pode auxiliar nesse debate, a partir do testemunho de sua prática clínica cotidiana, das inúmeras escutas que fazemos dos mais diversos tipos e estilos de famílias. Desde sua origem, ela tem-se dedicado a escutar suas histórias e seus enredos singulares, procurando compreender como o pequeno *infans* se constitui sujeito na presença do Outro.

Isso não significa que os psicanalistas sejam especialistas em família, pois, ao falar de família, por mais que pareça uma necessidade universal – todas as pessoas que procuram uma análise falam da própria família para tentarem entender seu sofrimento –, todos sempre falam a partir de um ponto de vista singular e intransferível. Ou seja, os inúmeros relatos não fazem série, não permitem que possamos ter uma verdade última sobre o que é família, nem para que ela serve, tecendo uma resposta padrão, que seja satisfatória para todos.

Mas podemos produzir um testemunho disso tudo que escutamos em nossa prática clínica, a fim de contribuir com esse debate a partir de uma posição ética específica: de um lugar não-todo. Os 16 textos aqui reunidos procuram contribuir com essa reflexão, vindos de psicanalistas de diferentes lugares do Brasil, da Argentina, de Portugal e da França, com formações e percursos distintos, com uma vinculação institucional plural. Visam, cada um ao seu estilo, contribuir com um pedaço desse caleidoscópio heterogêneo que encontramos na clínica, e que cada um a seu modo vai chamar de família.

Família é um conceito dinâmico, que muda ao longo da vida. Ela é mais necessária nas pontas da existência, na infância e na velhice, e reduz seu protagonismo na juventude e idade adulta. Nas pontas, a família se constitui como uma garantia, quando a existência precisa de um Outro consistente para poder se ancorar, que está no comando e se responsabiliza pela sobrevivência e

bem-estar de seus integrantes. Nesse sentido, a família se constitui como uma defesa contra o desamparo estrutural do falasser.

Com a chegada da adolescência e a queda das idealizações, descobrimos que o Outro não existe. Nesse momento, a família deixa de ser uma garantia, e passa a ser seu oposto, um furo na garantia, o sinal de que ninguém está no comando nem consegue determinar, pela obediência e submissão, o destino de seus integrantes.

Na fase adulta nos afastamos da família para conquistar o mundo, conhecer novas terras, trabalho, amores. A experiência de família volta a ter mais protagonismo após essa “jornada do herói”, quando arrefecem as conquistas e decidimos criar uma nova família. É nesse momento que o sujeito adulto abandona paulatinamente o estatuto de filho para permitir que o novo estatuto, o de pai, se instale. Nesse movimento, ele passa a ser a garantia que antes buscava no Outro, assumindo seu lugar, fazendo a roda girar.

A clínica nos mostra como, na contemporaneidade, é cada vez maior o número de sujeitos que não conseguem assumir esse protagonismo e tornar-se essa garantia, passando o resto da vida orbitando a família de origem na tentativa de restituir a garantia perdida da infância. Para eles, tornar-se adulto traz como terrível consequência o desamparo que tanto amedronta.

Mas a contemporaneidade revela outros desafios à família. A contemporaneidade e suas características de individualismo e narcisismo afetam a instituição família em seus dois aspectos estruturais: na aliança e na filiação. De um lado, assistimos a uma queda nas alianças, na proliferação de relações descartáveis e crescente recusa de relações que envolvam uma corresponsabilização entre os parceiros, com cada vez mais pessoas morando sozinhas, usufruindo do mundo e dos outros como consumidores.

Por outro lado, observamos também uma queda das taxas de natalidade nos países desenvolvidos, acompanhada de certa aversão a ter filhos, a criá-los, e a ter responsabilidades e gastos com alguém que não seja o próprio sujeito. Ou seja, o mundo contemporâneo, que promove uma adolescência eterna e narcísica, parece não combinar com a castração imposta pela responsabilidade de trocar fraldas, pois pressupõe que os adultos devam abrir mão do lugar de crianças para que as crianças possam ocupá-lo.

Essa recusa pela responsabilidade afeta também a outra ponta da família: os velhos. Do mesmo modo com que assistimos à crescente terceirização do cuidado com as crianças, assistimos também a um aumento do número de asilos, casas de repouso ou condomínios para idosos. O desenvolvimento de tecnologias do cuidado produz uma terceirização do cuidado nas duas pontas da experiência familiar, em uma desresponsabilização da família pelo cuidado de seus membros.

Assim, parece que a contemporaneidade coloca uma condição para a fruição da vida, para o gozo, para a liberdade: “todos sozinhos”. A contemporaneidade reivindica da família, em nome da liberdade de gozo, a soltura das pontas, cada um por si e todos conectados ao Google, para não se sentirem tão... desamparados! Por isso podemos dizer que a contemporaneidade promove uma certa falência do laço gregário, com soluções diversas para lidar com a solidão, além do desenvolvimento de tecnologias para possibilitar a terceirização do cuidado. Ou seja, vivemos o mundo do “todos sozinhos”, em um movimento que parece antinômico com a família, de modo que o projeto contemporâneo de família para o século 21 pode se resumir a não fazer família.

Os psicanalistas aqui reunidos apostam em outro caminho. Sublinham, a partir de diferentes recortes, a importância, a função e a persistência da família na contemporaneidade, mas desde

que seja no plural. Ou seja, todos salientam que o padrão “casal com filhos” não é uma garantia contra o desamparo, pelo menos não da mesma maneira para todos, havendo muitas famílias “padrão” que são disfuncionais. Além disso, todos concordam que existem arranjos familiares que, à primeira vista, podem até parecer estranhos, pois são diferentes do comercial de margarina de nossa infância, mas que conseguem executar todas as tarefas sem prejuízo da função.

Ou seja, se a contemporaneidade problematiza a existência da família no século 21, a psicanálise testemunha jeitos singulares e infamiliars de fazer família, abandonando a imagem estática e idealizada da família para nos aproximarmos do vivo de cada uma das histórias familiares que costumam a existência do Um ao Outro.

Aproveito para agradecer a cada um dos psicanalistas aqui reunidos, que aceitaram o convite para participar desta coletânea, não recuando do desafio de participar de um debate tão caro em tempos tão avessos ao debate.

Boa leitura!